O PENSAMENTO ÉTICO DO PROFESSOR E A EDUCAÇÃO PARA OS VALORES UM NOVO DESAFIO À COMUNIDADE EDUCATIVA

Maria de Lourdes de Magalhães Oliveira
Professora Adjunta da ESEL
mlourdesoliveira@iol.pt

1 - NOTA INTRODUTÓRIA

O novo milénio apresenta novos desafios à educação, quer ao nível do pensamento ético do professor, quer ao nível dos valores. A escola como instituição formativa não pode deixar de reflectir sobre estas questões, na medida em que tem um papel fundamental na promoção da justiça social e do bem do aluno. Ao falarmos da importância da escola na educação ética e para os valores, falamos necessariamente do papel do professor como educador e pedagogo e aquele que leva à fonte. Hoje, o professor move-se em espaços complexos, o que faz com que ele se limite, apenas, a transmitir conhecimento e saberes de carácter científico e técnico. A família e a escola têm de andar de mãos dados, pois ambas são responsáveis na educação para os valores.

A família e a escola carecem hoje de estratégias educativas para acompanhar o jovem no seu projecto de vida. Na verdade, movemo-nos num mundo onde a ditadura do relativismo domina o pensamento actual empurrando-nos para uma filosofia do caminho mais fácil e, até do desprezo pelo conhecimento profundo dos valores (Boléo-Tomé, 2006). Por outro lado, o truque e a corrupção desculpam-se facilmente, são até sinal de inteligência para alguns, aí a ética fica sem espaço, a verdade deixa de ser valor e a educação pode ficar profundamente comprometida. É neste

contexto que se deve situar o educador, olhando a realidade e confrontando-a com os valores quase esquecidos

Os estudantes esperam que o professor lhes indique caminhos de realização pessoal e profissional. Mas a crise ética e axiológica que se manifesta actualmente em todos os domínios da vida social portuguesa, atingindo pessoas e instituições, torna premente saber como os professores equacionam a dimensão ética subjacente à sua actividade docente. Em toda a actividade docente somos confrontados com problemas que fragilizam e tornam vulnerável a vida pessoal, profissional e social de todos nós. A ausência de um sistema de valores pode instalar o sujeito num vazio existencial e as consequências são tão evidentes que não podemos deixar de nos preocuparmos face a esta questão. O perigo que hoje nos espreita não é, conforme alguns afirmam, o choque de civilizações, mas a ausência de partilha de valores (Bindé, 2006).

As instituições educativas não podem alienar os jovens afastando-os dos grandes ideais que deram vida ao Ser Humano e o ensinaram a preferir ao amor ao ódio, a bondade à maldade, o altruísmo ao egoísmo, a tolerância ao fanatismo, a segurança ao medo e a cultura à ignorância (Marques, 1990). Educar é indicar um caminho que leve ao encontro consigo mesmo e à realização pessoal. Os valores éticos são comportamentos que conduzem os homens à plenitude do seu projecto de vida e à realização dos anseios mais genuínos e autênticos do ser, fazendo-os chegar à auto-realização pessoal (Archer, 1996).

O estudo permitiu observar como os professores reflectem problemas actuais da escola, como encaram a responsabilidade do desenvolvimento ético dos seus alunos e as mudanças de costumes e valores ocorridos na sociedade e no mundo, o que pressupõe, sem dúvida, uma grande capacidade de interpretar e de se situarem num mundo em que desejam intervir.

2 – A **É**TICA E A **R**ESPONSABILIDADE DO **P**ROFESSOR

Partindo do pressuposto que a actividade docente tem como finalidade a educação de jovens, como nenhuma outra profissão, os aspectos éticos assumem grande relevância. Percebe-se que não basta ao bom desempenho da actividade docente o mero conhecimento académico técnico/científico, o professor tem de aliar a essas competências uma sensibilidade ética.

Na verdade, não basta que o professor seja competente ao nível científico e técnico, mas é preciso que o seja também ao nível de uma intervenção com alcance ético. Na linha de pensamento de Cordero (1986), o professor que se liga de forma essencial à ética tem também a finalidade de ajudar o indivíduo na tomada de decisão ética do ponto de vista de responsabilidade. Pensar a educação é, em primeiro lugar reencontrar o significado original da palavra: educação como esforço de aperfeiçoamento, de significação e de aprofundamento dos valores humanos.

Day (19999 realça que não são apenas as capacidades cognitivas do professor que é preciso considerar na formação, mas também os valores no seu agir pessoal e profissional que os definem como pessoa e como profissionais e dão sentido, valor e forma à prática docente. Entende-se, deste modo, a educação não só como preparação dos jovens para o desempenho de uma qualquer actividade profissional que responda a uma necessidade económica ou social, mas como formação de pessoas capazes de autonomamente construírem conhecimento, de responderem a novos problemas e de interpretarem e avaliarem os valores e de assumirem as suas próprias responsabilidades, de serem livres. É óbvio, que este percurso não é fácil e pode desencadear o que Sá (1996) classifica de conflitos, já que é possível pensar sem ousar conhecer, e não conhecemos "coisas novas" sem através de um conhecimento conheçamos "novos pedaços e outros lugares dentro de nós" (p. 161). A coragem de enfrentar o que é difícil, nos obstáculos e contrariedades do dia a dia, permite descobrir o outro

O desempenho ético da profissão docente depende, naturalmente, da formação ética do professor, da capacidade para exercer influência, um

ascendente sobre os jovens, assenta na qualidade do seu conhecimento científico, na experiência demonstrada e no empenho pela realização do trabalho, não como algo a que se é obrigado ou surge apenas como possível, mas que se realiza com consciência da importância da função que desempenha. De acordo com Nóvoa (1995), a ética ajuda a compreender que a tomada de consciência de que somos seres dotados de inteligência, aprendemos e temos a possibilidade de mudar o rumo dos nossos passos e de agir hoje melhor do que ontem.

A formação ética dá, efectivamente, ao professor o saber, a capacidade de abertura, a consciência e a responsabilidade de adoptar novas formas de interagir com a vida e com os outros. Da minha experiência, todos os encontros se fazem a partir da descoberta de pontos comuns que dão segurança e permitem que nós nos encontremos com a diferença e aceitemos sair de nós e dar de nós. A heterogeneidade cultural e social que caracterizam muitas das nossas escolas não têm contribuído para facilitar a conduta ética do professor, fazendo-o sentir inseguro em relação às atitudes a tomar e aos valores a defender.

O mundo de hoje, dominado pelas tecnologias que proporcionam mudanças rápidas e vertiginosas, que põem o homem perante mudanças de valores, ou mudança de paradigma, que o leva a conceber-se como perdido e dividido, e por vezes impotente perante um novo sistema. No momento que atravessamos será ainda possível definir Pessoa? Por um lado, o conceito de pessoa está associado à maneira como o homem se concebe e à consciência que tem de si e, por outro lado, à sua realidade ou dignidade. Constatámos hoje que o homem se sente problemático para si próprio. Fala-se muito de Direitos Humanos, da família e dos marginais e o que se faz por eles, para acolher a Pessoa como valor?

A consciência ético-moral consistirá como cada um assume a responsabilidade do dever. Ladrière (1997:23) defende a consciência moral "como um bem real que o passado não pode reter". Na verdade, quem se deixa conduzir e guiar pela consciência moral poderá fazer um caminho mais conforme os princípios éticos.

Subjacente à reflexão que temos vindo a fazer, está a Declaração sobre Ética Profissional, publicada pela Associação Americana dos Professores Universitários em 1982, inspirada em documentos que exigem do professor atitudes moralmente íntegras na relação com os estudantes e com os pares. A mesma Declaração chama também à atenção para os valores éticos. Em síntese, podemos dizer que a formação ética dos professores deve estimular à responsabilidade numa perspectiva ético-moral e deontológica.

3 – **E**DUCAR PARA OS **V**ALORES – UMA **E**XIGÊNCIA **A**CTUAL

A educação para os valores constitui um desafio à formação integral do jovem e do professor, e a escola é demasiado determinante na formação do aluno. Neste tempo que nos é dado viver, onde quase nada é gratuito, as pessoas se orientam mais para o ter do que o ser, perguntamos que sentido terá falar de valores aos jovens no início do milénio, que se esperava fosse um tempo de desenvolvimento, de esperança e de paz?

A sociedade actual é, bem o sabemos, uma sociedade mediática, moldada e alimentada pelos media, onde só o que aparece e adquire visibilidade pública ganha relevância. Não podemos ignorar que o "ser com" e o "ser para os outros" é um caminho para o bem e que vale a pena fazer. É preciso dar ao jovem esperança no seu projecto de vida e ajudá-lo a tornar-se mais activo, dinâmico e responsável, com espírito crítico e construtivo, que somente se realiza ao assumir-se como ser comunitário e universal.

Ao lançarmos um olhar sobre o nosso tempo verificamos existir alguma ambivalência ao nível da escola, por exemplo no que se refere à educação para os valores. Em qualquer dos casos deve acrescentar-se que o clima de descrença e de medo pode apoderar-se de extensos sectores da sociedade e também do professor. É preciso envolver a escola, professores e estudantes na educação para os valores, pois todos têm responsabilidades acrescidas neste âmbito. Precisamos todos de acreditar que existem valores que é necessário saber transmitir com toda a convicção, contrariando um pluralismo confuso e sem alma.

O Relatório da UNESCO (1998), chamava à atenção da sociedade contemporânea para a profunda crise de valores e para o esforço em se encontrarem formas de ultrapassar as considerações meramente económicas. Contrariando esta tendência há que afirmar com clareza e determinação que, para além dos constrangimentos que vivenciamos no dia a dia, dificilmente ultrapassáveis, pelo menos em tempo aceitável, existe um amplo espaço e uma vasta gama de opções possíveis, em que os homens do nosso tempo podem exercitar a sua missão de construtores de justiça, de equidades, de verdade e de paz, trabalhando todos por um mundo melhor e mais solidário.

É verdade que nem todos nos preocupamos com as mesmas razões. Para uns, é a questão de sobrevivência ou de falta de meios indispensáveis à vida; para outros, é a fome insaciável de poder que os deixa insatisfeitos; para outros, é o medo de perder o cargo político ou social e de ver ameaçadas as suas situações de privilégio e, para outros ainda, é a sensação de fraqueza perante a enormidade da actividade. Valeria a pena aprofundar estas questões, sobretudo para identificarmos espaços de intervenção ao nível do pensamento ético e da educação para os valores.

A escola é também o espaço para fazer o caminho para a genuína formação do ser humano, único objectivo porque vale a pena investir em educação (Patrício, 2001). É, efectivamente urgente investir na formação dos jovens e nos interrogarmos seriamente sobre o tipo de sociedade que estamos a construir, pela nossa acção e inércia, sobre o que desejamos viabilizar no futuro face à ética e à educação para os valores.

Hoje, somos cada vez mais confrontados com problemas que fragilizam e tornam vulnerável a vida pessoal e profissional de cada um de nós. A sobrevalorização da técnica na formação inicial relega, muitas vezes, para segundo plano as preocupações relativas aos valores que deveriam fazer parte da formação e da preocupação do professor. A reflexão axiológica nos últimos anos, não tem sido bastante valorizadas e incluída nas prioridades de algumas instituições de ensino, nem mesmo na formação dos próprios professores. O ser humano sempre precisou de valores de referência que

possam dar sentido e qualidade à vida numa perspectiva de presente e de futuro. Uma verdadeira cultura de Vida, com todos os seus valores, é o que deve ser oferecido aos jovens num programa educativo

Os professores enfrentam uma crise no que concerne aos valores da educação e à desmotivação profissional talvez agravada por uma mudança demasiado rápida que ele não acompanhou e pela ausência de uma ética profissional e de um código deontológico que regule a actividade docente e promova uma reflexão axiológica. É notável hoje uma descrença pelos valores a todos os níveis. O que sabemos das coisas são apenas perspectivas dessas mesmas coisas. Embora os jovens do ensino superior universitário, tenham feito já um percurso de vida e chamados a tomar decisões, nada impede que a abordagem dos valores não se faça. Aliás, não há formação integral sem que os valores a sustentem (Patrício, 2001).

Os estudantes precisam de encontrar no professor valores como a justiça, o respeito, a solidariedade, a preocupação pelo bem comum do aluno, a honestidade e a verdade que os ajude a encontrarem o caminho, a sedimentar as suas convicções em alicerces profundos e a interagirem com os próprios colegas no respeito pelos princípios éticos. É preciso ter a vontade de manifestar em cada momento, o respeito que merecem aqueles que dependem quase totalmente do professor para edificarem com segurança a sua personalidade (Boléo-Tomé, 2006). Para Hernández-Pinzón (2003:23), "educar é indicar um caminho que leve ao encontro consigo mesmo e à realização pessoal".

Considerando todo o comportamento humano valorativo é preciso não pôr de parte esta vertente na vida dos jovens, embora sabendo que aquilo que para cada um de nós vale e é importante, é o que de algum modo satisfaz as nossas necessidades. A vertente humana é muitas vezes descurada em prole dos avanços tecnológicos, de interesses pessoais e de grupo. Impõe-se, efectivamente mudar este cenário e a forma de esta na vida, no ensino e na sociedade.

Como sabemos a formação tem várias frentes e uma delas é a educação para os valores. É tão importante, como sublinha Marques (1990), que a escola ensine a escolher o bem, a pensar o bem e a usar a razão como ensina a ler e a escrever. Desta concepção resulta que educar para os valores supõe que o professor tenha descoberto o caminho da realização pessoal (Renaud, 2002). Perante uma multidão de juventude inquieta a ávida de felicidade é preciso dar-lhe segurança e apoio, se quisermos que a revolta e a indiferença não perturbem o seu crescimento.

A educação para os valores, como temos vindo a realçar, tem o professor como interveniente principal, seja qual for a disciplina que leccione. Apesar dos valores constituírem uma opção livre, em muitos ambientes, sob o pretexto de que é perigoso "endoutrinar" pugna-se, muitas vezes, pelo vazio axiológico responsabilizando exclusivamente o estudante pelo seu processo educativo. A ambivalência do mundo actual, pleno de ameaças, esperança e temor, confiança e insegurança, liberdade e opressão, fazem com que os professores e a família compreendam como é difícil educar e como é urgente envolverem-se num autêntico projecto educativo. Será que é este o culto de vida que encontramos na sociedade de que somos também responsáveis.

É importante tomar consciência que não se pode continuar a ignorar valores tão importantes como os que temos vindo a referir. Temos de assumir que os valores estão acima do factual, do contingente e do empírico e tomar consciência do papel do professor para que a vida humana possa reencontrar um centro unificador, o conhecimento ganhe corpo e os valores se enraízem fazendo um todo coerente.

4 – **C**ONCLUSÕES **F**INAIS

A educação para os valores constitui uma das áreas mais interessantes em educação (Fontes, 1990). Conceber uma educação sem valores é simplesmente negá-la e não compreender minimamente a sua finalidade.

Os participantes no estudo consideram relevante uma educação para os valores, como se pode verificar através do gráfico 1. A honestidade e o

respeito são os valores mais apontados pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Enfermagem.

GRÁFICO 1 – Opinião dos estudantes sobre os valores a promover na escola.

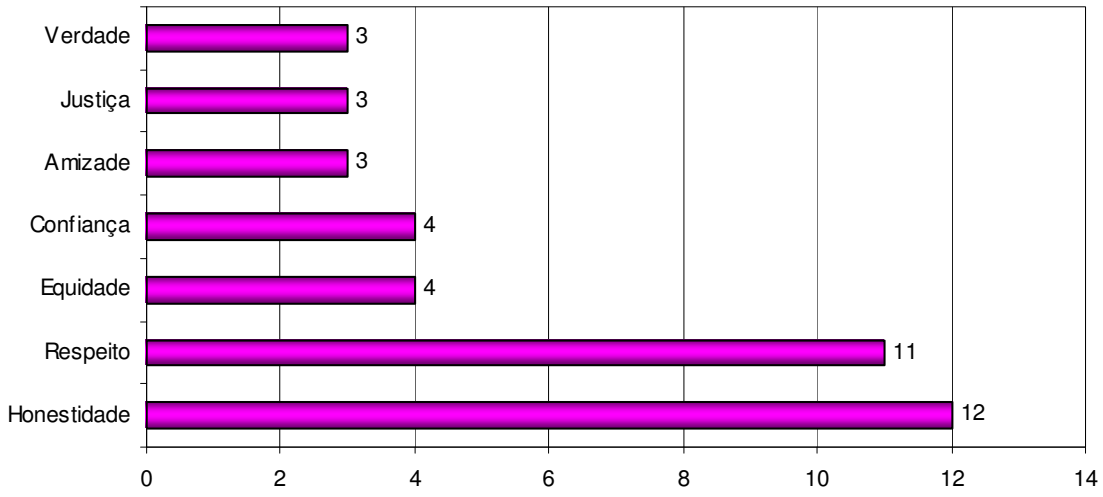
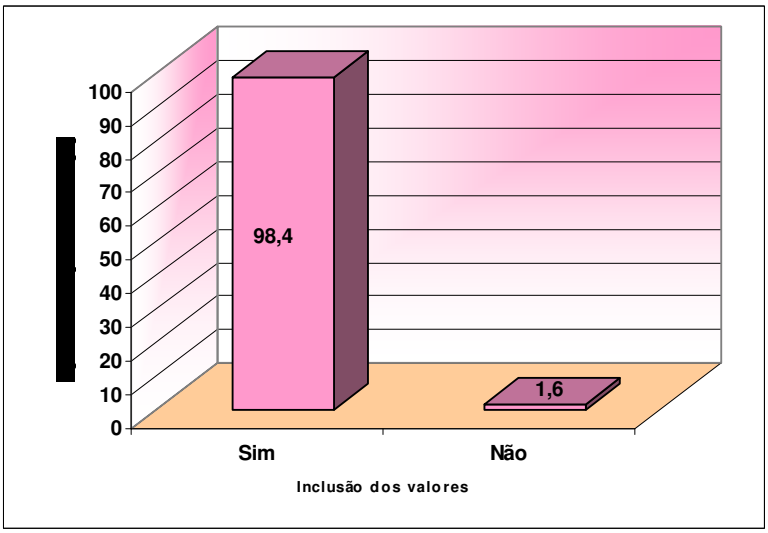


Gráfico 2 – Opinião dos professores sobre a inclusão de valores no Curso de Licenciatura

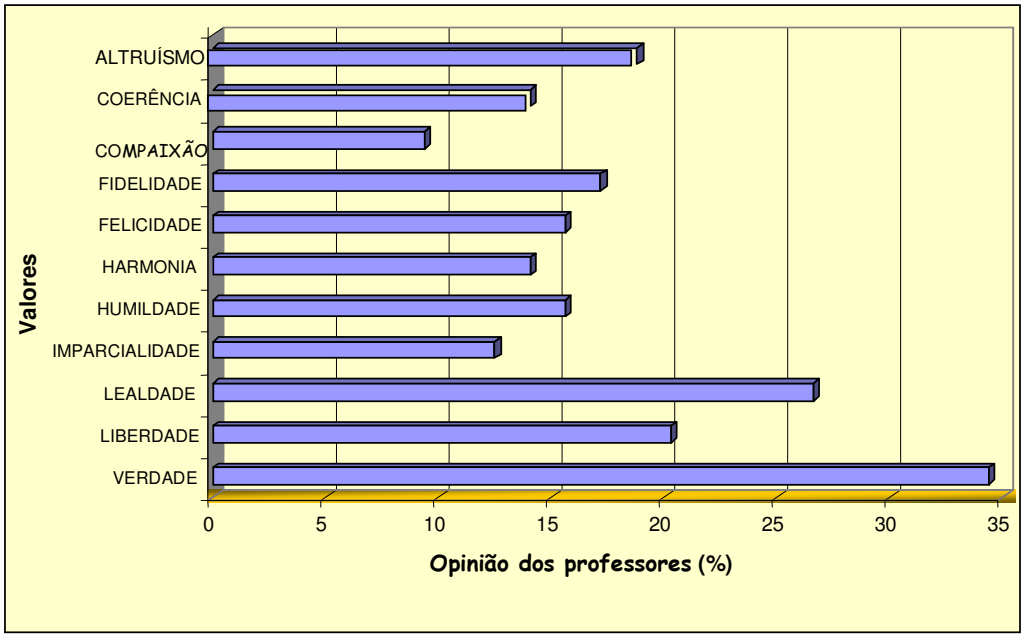
em Enfermagem.



A ausência de valores numa sociedade onde predomina cada vez mais o hedonismo e o materialismo, desencadeou o interesse em conhecer a

opinião de professores de enfermagem sobre a sua inclusão num plano de formação de professores.

Gráfico 3 – Valores a incluir num plano de formação de professores



A questão dos valores é, efectivamente, a de um encontro de culturas que pode acontecer se for orientado para a ideia de uma sociedade de humanos. A construção de uma ética do século XXI exige reforma do pensamento (Morin, 2001).

Em síntese, diríamos que, tanto os estudantes, como os professores têm consciência da importância dos valores a promover na escola. É fundamental chamar à atenção dos gestores educativos para esta realidade. E, como diria Moran (2007), a organização escolar precisa de ser reinventada para que todos aprendam de modo mais humano, afectivo e ético, integrando os aspectos individual e social, os diversos ritmos, métodos e tecnologias, para ajudarmos a formar cidadãos plenos em todas as dimensões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Archer, L. (1996). Bioética. Lisboa: Editorial Verbo.

- Bindé, Jérôme. (2006). Para onde vão os Valores. Lisboa: Instituto Piaget.

- Boléo-Tomé, J. P. (2006). Pensar a Educação: Tentativa de definição de Valores e Modelos de Comportamento. *Servir* 5, (54), 224-232.

- Cordero, j. (20069. ´Tica y profession en el educador su doble vinculation. Revista Española de Pedagogía, ano XLIV, nº 174, 463-482.

- Day, C. (1999). Developing Teacher. The Challenges of Lifelong Learning. London: The falmer Press.

- Fontes, M., A. (1990). Escola e Educação de Valores. Lisboa: Livros Horizonte.

- Hernández-Pinzón, F., J. (2003). Valores para Vivir y Crescer Psicología de los Valores. Madrid: San Pablo.

- Ladrière, J. (1997). L´Éthique dans l´Univers de la Racionalité. Québec: Éditions d´organisation.

- Marques, R. (1990). Educação Cívica e Desenvolvimento pessoal e Social. Objectivos, Conteúdos e Métodos. Lisboa: Texto Editora.

- Moran, J., M. (2007). Educação que desejamos: Novos Desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus.

- Morin, E. (2001. La Métode. Paris: Seuil.

- Nóvoa, A. (1995). Profissão Professor. Porto: Porto Editora.

- Patrício, M., F. (2001). Escola, Aprendizagem e Criatividade. Porto: Porto Editora.

- Pires, M., I., V. (2007). Os valores na Família e na Escola. Lisboa: Celta Editora.

- Renaud, I., C., R. (2002). Educar com Valores: Ética e Liberdade de Ensino. *Brotéria* 154 (2), 111-124.

- Sá, E, (1996). O Pensamento e a Ética na Relação Pedagógica. Lisboa: Editorial Verbo.